

Origens

2014 | ano 01 | nº 01

Revista-laboratório do curso de Jornalismo
das Faculdades Integradas Rio Branco

Dan Stulbach:
O ator que é a cara da cidade

Carro de Luxo x Carro de Lixo

Consumo em São Paulo:
Popular, de luxo ou temático?

SÃO PAULO de contrastes:

É possível sentir solidão numa
cidade de 11 milhões de habitantes?

VOCÊ VAI TER QUE RALAR MUITO E NO FINAL AINDA VAI AGRADECER

Cansaço e alegrias, descobertas e correrias, compromissos e realização: estudar na Rio Branco não é fácil! A "pegada" é forte, os professores são exigentes e você vai precisar se dedicar de verdade. E isso tudo não é "ameaça": é promessa; é compromisso. Com você; com seu futuro.



www.riobrancofac.edu.br

PROCESSO SELETIVO 2014
TURMAS DE AGOSTO
INSCRIÇÕES ABERTAS!

GRADUAÇÃO

ADMINISTRAÇÃO
CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DESIGN
DIREITO
EDITORIAÇÃO (DESIGN EDITORIAL)
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO
JORNALISMO

PEDAGOGIA
PUBLICIDADE E PROPAGANDA
RÁDIO E TV
RELAÇÕES INTERNACIONAIS
RELAÇÕES PÚBLICAS
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

GRADUAÇÃO EM 2 ANOS

COMÉRCIO EXTERIOR
GESTÃO COMERCIAL
GESTÃO DE RH
LOGÍSTICA
MARKETING
PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Ranking de MELHORES UNIVERSIDADES 2013
Entre 1 e Abril

Pedagogia	★★★★★
Administração	★★★★★
Jornalismo	★★★★★
Rádio e TV	★★★★★
Relações Internacionais	★★★★★
Editoração (Produção Editorial)	★★★★★
Sistemas de Informação	★★★★★
Publicidade e Propaganda	★★★★★
Direito	★★★★★



PROCESSO SELETIVO PRÓPRIO
E UNIFICADO PUC
PROVAS TRADICIONAL E AGENDADA
UTILIZE SUA NOTA DO ENEM

CAMPI GRANJA VIANNA E JATAÍ

Faculdades Integradas
Rio Branco
FUNDAÇÃO DE ROTARIANOS DE SÃO PAULO

www.riobrancofac.edu.br 0800 165521

FORTE NA ESTRUTURA, FORTE NO ENSINO.



Presidente da Fundação
de Rotarianos de São Paulo
Nahid Chicani

Chanceler
Eduardo de Barros Pimentel

Diretor Geral
Profº Dr. Edman Altheman

Diretor Acadêmico
Profº Dr. Alexandre Uehara

Coordenadora do Curso de Jornalismo
Profª Ma. Patrícia Rangel

Coordenador dos Cursos de Comunicação
Social, Editoração e Design
Profº Me. Paulo Durão

Edição Jornalística
Profª Ma. Renata Carraro

Revisão
Profª Dra. Patrícia Ceolin do Nascimento

Colaboradora
Profª Esp. Clara Corrêa

Projeto Gráfico
Carolina Izabel da Silva

Estagiária de Editoração:
Vivian dos Santos

Estagiário de Jornalismo:
Guilherme S. Borges de Campos

Estagiário de Publicidade e Propaganda:
Roberto Piccolo Amaral

Foto da capa:
Renato Ribeiro Silva (aluno do curso
de Publicidade e Propaganda)

Revista **Origens** é uma publicação elaborada
pelos alunos do curso de Comunicação
Social, habilitação em Jornalismo, das
Faculdades Integradas Rio Branco.

Endereço: Avenida José Maria de Faria, 111
Lapa, São Paulo - SP, Cep: 05038-190
Tel. (11) 3879-3100

Editorial

Um paradoxo chamado São Paulo

A cidade de São Paulo constitui o núcleo central da mais importante região metropolitana do Brasil. São quase 12 milhões de habitantes, seis mil pizzarias, cinco milhões de veículos matriculados e uma das cinco maiores aglomerações urbanas do mundo. São Paulo é realmente uma enormidade. Mas sabemos também que a cidade é uma referência quando debatemos os contrastes urbanos do Brasil, principalmente os sociais, como violência, saúde, educação, moradia. Apesar de despertar tantas críticas, difícil achar alguém que more por aqui e que não diga: “ah, eu amo esta cidade”.

São Paulo possui características muito próprias, algumas são praticamente símbolos da cidade como: o trânsito, os carros, o consumo, os shoppings, a noite paulistana, a imigração e até a solidão. Para entender o paradoxo destas áreas tão marcantes da cidade, **os alunos do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas Rio Branco** escolheram este olhar para produzirem suas reportagens da 1ª edição impressa da Revista Origens. Na matéria que aborda a solidão entre 11 milhões de pessoas, a repórter Lígia Lotério apresenta personagens que contam que em cada esquina da cidade é possível encontrar um jeito diferente de estar só. Yuri Furtado e Vinícius Salvador foram comparar os carros de Luxo e os carros de Lixo, esquecidos em pátios do Detran. Thalyta Sellan mostra que em feriados podem existir duas São Paulo porque a cidade realmente se transforma.

O contraste permeia as matérias elaboradas que contaram com todo o processo jornalístico desenvolvido por estes alunos do 5º semestre, passando pelas reuniões de pauta, apuração, entrevistas, redação, fotos, tratamento de imagem, diagramação, fechamento e edição final.

Nesse sentido, acreditamos que esta publicação contribui para o conhecimento das múltiplas funções e tarefas do jornalista, passo fundamental para embasar a profissão, acentuando o olhar crítico que todo jornalista deve ter.

Patrícia Rangel

Sumário

6 CARRO

Do luxo ao lixo. De um lado estão os carros mais caros do mundo, do outro um verdadeiro cemitério de carcaças

8 COMPORTAMENTO

É possível sentir solidão numa cidade de quase 12 milhões de habitantes? Você vai se emocionar com estas histórias

12 MÚSICA

Demônios da Garoa: 70 anos de histórias e mistura de gerações

14 PERFIL

Dan Stulbach: O ator que é a cara de São Paulo declara todo o seu amor a cidade

17 CULTURA

Bairros que são verdadeiros países. Do Japão para o Líbano em duas estações de metrô

20 REPORTAGEM ESPECIAL

Shopping Center, ruas temáticas, comércio popular e mercado de luxo. Fique por dentro do maior templo de consumo do Brasil: São Paulo



26 PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Vila Maria Zélia - Um mundo oposto à loucura da metrópole



28 TRÂNSITO

Conheça São Paulo nos feriados. Que diferença de cidade!



30 COMUNIDADE

Alto da Lapa, Lapa e Lapa de Baixo - Um bairro, três fronteiras e histórias que se encontram

34 NOITE PAULISTANA

Rua Augusta, reduto da boemia, é hoje a casa de diversas tribos da cidade

36 COMO FIZEMOS?

A revista Origens foi conhecer de perto os contrastes da maior cidade da América Latina

37 CRÔNICA

São Paulo: um caso de amor e ódio - Por Isabela Maciel



Carro de Luxo Carro de Lixo

Enquanto veículos importados desfilam pelos bairros nobres da capital, o pátio do DETRAN abriga as latas velhas esquecidas às traças

De um lado da cidade temos os mais luxuosos e potentes carros de São Paulo; do outro, um lixão de carros velhos e abandonados que aumenta constantemente ano após ano.

São Paulo é conhecida por locais belos e elegantes, mas ao mesmo tempo, por lugares que nos deixam com uma pulga atrás da orelha. Isso também pode ser relacionado ao meio de transporte que mais utilizamos, o carro. No ano passado, a capital paulista registrou 5,4 milhões de veículos, o que significa uma média de um

para cada duas pessoas, isso porque a cidade tem cerca de 11,8 milhões de habitantes (DETRAN/2013).

Andar pelas ruas da capital é ter a certeza de encontrar os mais diversos tipos de veículos. De Lamborghini a Corcel, a cidade é um verdadeiro tapete vermelho onde desfilam carros das marcas mais desejadas do mundo, mas também há espaço para os mais básicos.

Requinte sobre quatro rodas

Agora imagine um local repleto dos carros mais cobiça-



Pátio do DETRAN localizado na Av. Presidente Wilson

dos do mundo, luxuosos e potentes, desfilarão pelas ruas. Imaginou? Se você pensou em Los Angeles, Miami, Ibiza, entre outros, era de se esperar. Mas não, estamos falando mesmo é de São Paulo.

Este cenário pode ser visto a qualquer momento na Avenida Europa e na Avenida Brasil, um verdadeiro Salão do Automóvel ao ar livre. Ferrari, Lamborghini, Maserati, Pagani, Rolls-Royce, BMW, Mercedes-Benz, entre outras marcas luxuosas, são símbolos da avenida que trazem curiosos e turistas para um passeio "sobre rodas".

Com uma idade média de 35 a 65 anos, 90 % dos compradores são homens. Viviane Polzim, assessora de Marketing & Comunicação das marcas Ferrari e Lamborghini, traçou um miniperfil dos que adquirem esses imponentes carros: "Pertencem à classe AAA+, sendo a maioria empresários, empreendedores e Self Made Man [*homens que subiram na vida com seu próprio esforço*]. Para eles, essa conquista é a realização de um sonho, performance, design e poder aquisitivo. Preço não é a questão principal na decisão de compra: quem quer uma Ferrari, quer uma Ferrari".

Mas se engana quem pensa que esses compradores sempre pagam à vista. Alguns clientes fi-

nanciam o automóvel e ainda dão de entrada outro veículo de luxo. E sempre que há um lançamento, os fregueses mais fiéis estão lá para adquirir o novo possante.

A loja da Lamborghini vende cerca de 20 unidades por ano. A marca é uma das favoritas dos compradores, mas para sair motorizado é preciso ser "bom de bolso". "Os veículos custam de R\$ 1,8 a R\$ 3,0 milhões, como é o caso da Lamborghini Aventador. Já a Ferrari que está localizada no cruzamento da Avenida Brasil com a Avenida Europa, vende por volta de 40 carros por ano. Os preços variam de R\$ 1,5 a R\$ 2,9 milhões, dependendo do modelo", declarou Viviane. Em um comparativo, uma venda desses superesportivos equivale aproximadamente a 100 vendas do popular Volkswagen Gol quando se fala em valor.

Cemitério de carcaças

Já a apenas 13,1 quilômetros dali, o cenário é bem diferente. Veículos que não dão partida e há muito tempo não saem do lugar. Conhecido como o "lixão de carros", o pátio do DETRAN, situado na Avenida Presidente Wilson, 6.752, Vila Carioca, é o contraste do Luxo ao Lixo.

Esse mega depósito tornou-se um verdadeiro cemitério de carca-

ças de carros antigos e automóveis corroídos pelo tempo. Lá podem ser encontrados Chevette, Corcel, Belina, Fusca e até mesmo carros populares do nosso dia a dia, podendo estar em total estado de degradação ou apenas recém-apreendidos pela polícia.

Cada vez mais sem espaço, o local recebe uma frota muito grande de veículos. "Temos a capacidade de receber até cinco mil carros, entretanto, hoje estamos na casa dos 4.200 veículos na Presidente Wilson", disse a assessora de comunicação do DETRAN/SP, Mylena Lira.

Grande parte dos automóveis vai para leilão, mas antes disso os donos podem reivindicar seus direitos. "O DETRAN notifica o proprietário, que tem um prazo de 20 dias para reavê-lo, após sanar a pendência que gerou a apreensão. Caso não se pronuncie, o Detran dá um novo prazo de 30 dias para a retirada do veículo, após isso o carro vai para leilão", finalizou Mylena.

Pois é, este é só mais um dos contrastes que a cidade de São Paulo nos promove. De um lado os veículos mais luxuosos e cobiçados do mundo; do outro, uma pilha de carros sem destinos que aumenta constantemente e que ninguém mais quer.



Lamborghini Aventador de 4 milhões disponível na loja

Foto: Vinícius Salvador e Yuri Furtado

SOLIDÃO

ENTRE 11 MILHÕES

suas várias faces na megalópole

A cada esquina de São Paulo é possível encontrar um jeito diferente de estar só na sétima cidade mais populosa do mundo

Usando seu figurino diário, paletó e calça social, o homem de 74 anos caminha pelos arredores da avenida Paulista. Moreira, como costuma ser chamado, está indo em direção aonde mora, na alameda Santos. Após tomar o metrô sentido estação Brigadeiro, pensa nas histórias que havia narrado há pouco, em entrevista à Origens. Segue assim até chegar ao seu edifício. Cansado, respira fundo e lembra-se dos afazeres do dia seguinte. Moreira está em casa novamente, sozinho.

Antônio Moreira é apenas mais um entre os milhares de pessoas

que moram sozinhas em São Paulo. O que acende uma discussão: é possível sentir solidão, mesmo em uma cidade de 11 milhões de habitantes? O antagonismo entre as palavras “solidão” e “São Paulo” já virou até letra de música, como a estrofe cantada por Zeca Baleiro, “mais solitário que um paulistano”, e as palavras do dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues, “a companhia de um paulista é a pior forma de solidão”.

Morar sozinho para não incomodar

A correria da metrópole faz com que a convivência com diversas

pessoas não seja suficiente. A neuropsicóloga Marcela Bueno acredita que a característica principal da solidão é a sensação de vazio: “Essa autopercepção faz com que o indivíduo tenha uma visão distorcida e disfuncional do mundo”, esclarece. “Ele não se encontra, sente que é incapaz, não tem valor”.

A solidão é, muitas vezes, confundida com o isolamento. Ou seja, alguém que mora sozinho não é, necessariamente, solitário. Do mesmo modo que um indivíduo cercado por pessoas pode se sentir sem ninguém. “É algo comum,

todos já sentimos essa solidão temporária”, lembra Marcela. “O problema começa quando ela se torna crônica”, ressalta. Na metrópole, o quadro é agravado pela sensação de violência e medo, o que reprime a sociedade, impedindo-a de fazer atividades simples, como ir ao parque. Isso pode levar ao isolamento, que depois se transforma em solidão. Ou não.

Moreira é um exemplo de quem vive bem, apesar de sozinho. O publicitário foi casado, tem três filhos e quatro netos. “Depois de 32 anos de casamento, minha esposa e eu decidimos nos divorciar, simplesmente, sem brigas”, conta. E explica por que escolheu morar sozinho: “Não pensei em morar com um dos meus filhos porque achei que iria incomodar”.

Mas se engana redondamente quem está imaginando um daqueles velhinhos acomodados e ranzinzas. Moreira trabalha, é vívido, bem-humorado e está sempre conectado às redes sociais. A propósito, seu romance atual é fruto de um site de relacionamento. “Conheci minha namorada no Orkut”, revela.

“Todos já sentimos solidão temporária. O problema é quando ela se torna crônica.”

Falta de opção e escolha mais “feliz”

No outro lado da cidade, na divisa entre São Paulo e Osasco, encontra-se a jornalista Carolina Capuano, 33 anos, que há 12 anos perdeu a mãe devido a um aneurisma. Na época, Carol continuou morando com o padrasto, mas não por muito tempo: “Ele teve de refazer a vida, então, sete meses depois, meu irmão e eu passamos a morar com meu pai”, conta.

Tudo estaria resolvido, não fosse o fato de que o pai de Marcela tinha saído de casa quando os filhos eram muito pequenos, e “era um completo desconhecido”, como ela mesma afirma. “Ainda por cima, eu sofria com o preconceito da minha família porque meu ex-namorado era negro”, lembra a jornalista. Os constantes desentendimentos com o pai, além de outros fatores, levaram Carol a buscar um outro lar. Então, resolveu morar com a avó e, logo após, com o irmão.

“Por fim, decidi morar sozinha. Por falta de opção, mas essa escolha foi a que mais me fez feliz”, declara ela. Hoje Carolina vive com uma amiga, com quem divide uma casa alugada.

Foto: Ligia Lotério



Antonio Moreira: Não pensei em morar com um dos meus filhos porque achei que iria incomodar”.

“Se eu não lavar a louça, quem vai?”

O número de pessoas que moram sozinhas tem crescido cada vez mais. Segundo o Censo de 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aproximadamente 7,8 milhões de lares brasileiros possuem apenas um único morador, número equivalente a 12,2% do total de domicílios, ou a 3,7% da população brasileira. Isso parece demonstrar uma tendência pela busca de independência e liberdade.

É o caso de Júnior Silva, 25 anos, que decidiu morar em São Paulo pela segunda vez. “Saí de Caragatatuba para fazer faculdade. Sou apaixonado por São Paulo. É uma terra de muitas oportunidades, mas você tem de se jogar, porque aqui só fica desempregado quem quer ou quem escolhe demais”, opina o rapaz que hoje cursa Educação Física e leciona Dança Contemporânea.

A dificuldade financeira é o fator que mais pesa nesse estilo de vida. Carolina conta que, devido ao pagamento da faculdade e do aluguel, entrou em diversas dívi-



Foto: Lígia Lotério

Marcela Bueno: cada pessoa encara a solidão de uma determinada maneira

das: “Eu terminava um carnê e logo começava outro”, desabafa.

Financeiramente instáveis, Júnior e Carolina acreditam que a experiência de morar sozinho traz responsabilidade e amadurecimento. As prioridades mudam e o dinheiro antes gasto com lazer é destinado às contas mensais, como água e luz.

O mesmo ocorre com as tarefas domésticas. Atividades simples, como lavar a louça ou trazer as compras do mercado, tornam-se difíceis. “Tem dias que eu chego em casa e não quero lavar a louça, mas, se eu não lavar, quem vai fazer isso?”, indaga Júnior.

Mesmo com todas as dificuldades, morar sozinho continua sendo um sonho entre muitos jovens, o que fez com que o mercado de imóveis, só para citar um exemplo, apostasse nessa tendência. “Desde 2012, diversos imóveis, de um

ou dois dormitórios compactos, foram lançados, obtendo um sucesso extraordinário de vendas”, explica Fábio Souza, gerente administrativo da Construtora Gama e Souza.

Acompanhado por lembranças e histórias

A neuropsicóloga Marcela Bueno acredita que a forma de vida atual faz com que as relações se tornem superficiais e fáceis de serem rompidas: “Na nossa sociedade tudo tem de ser muito rápido. Não há motivação individual, as pessoas esperam muito dos outros e ninguém avança”, ela explica. Isso seria um motivo, pelo menos o aparente, para a solidão em São Paulo, já que é uma cidade com dimensões gigantescas e isso dificulta ainda mais as relações e o estabelecimento de vínculos.

Ainda segundo a neuropsicóloga, cada pessoa encara a solidão



Foto: Lígia Lotério

Júnior Silva: a experiência de morar sozinho traz responsabilidade e amadurecimento

de uma determinada maneira. Esta pode, ou não, ser vivida como uma forma de reflexão, auxiliando no crescimento do indivíduo. Ou seja, a solidão pode ser vista de forma negativa ou positiva. “Quando me sinto sozinho, procuro criar. No meu caso, coreógrafo”, explica Júnior. “Na minha solidão eu me entendo: foco em algo que gosto e trabalho”.

“Na minha solidão eu me entendo: foco em algo que gosto e trabalho.”

Carolina também arrumou um jeito de nunca estar só: hoje tem como principal companheira de quarto a vira-lata Luna. “Quando peguei minha cachorrinha, estava carente. E hoje ela é minha vida”, conta, feliz da vida.

E como fica o Moreira? Parado em frente ao seu edifício, decide seguir em frente. Sobe os degraus da pequena escadaria frontal e caminha em direção ao seu apartamento, o número 16. Abre as portas e logo avista o longo corredor que o leva à sala de estar.

Ele admite: sente-se um jovem de 17 anos, apesar de o corpo teimar em desmenti-lo. Dá de ombros. Fica pensativo sobre as longas respostas que deu para a estudante de Jornalismo da revista Origens que o entrevistou. Decide, então, tomar um banho.

No chuveiro, traça um plano sobre as atividades do dia seguinte. Ao se deitar, não diz “boa noite” a ninguém. Está só. Porém, bem acompanhado pelas lembranças, pelas histórias que contou e por suas próprias escolhas.



Foto: Laís Aranha

Para o grupo, uma única imagem desperta sensações diferentes em cada pessoa

DANÇA DA SOLIDÃO

“Solidão” é o nome do terceiro ensaio do coletivo de artistas Baillistas, realizado na Vila Maria Zélia, primeira vila industrial brasileira. As fotos retratam a pressão que a sociedade exerce a respeito de temas comuns, como o casamento.

“As marcas do passado, muitas vezes abandonado, como na vila Maria Zélia, estão inseridas no presente ‘moderno’, em que não há relação comunitária entre os habitantes”, conta uma das idealizadoras do projeto, Debora Gepp. “Isso causa uma sensação de esgotamento e solidão. A poética da série exalta a memória abandonada e os diálogos entre o passado e o presente.”

Idealizado pela bailarina Debora Gepp, o artista visual Piercarlo Romano, a fotógrafa Laís Aranha e o coreógrafo Jorge Bascuñan, Baillistas é um grupo que existe desde fevereiro de 2012 e realiza fotos e vídeos a partir da dança. O nome surgiu da junção das palavras “bailarinos” e “paulistas”, e a proposta é dramatizar o cotidiano das grandes metrópoles. Os cenários são diversos, desde a movimentada avenida Paulista até as margens do rio Tietê...

SERVIÇO

www.baillistas.com

www.facebook.com/Baillistas

Eles querem o CENTENÁRIO!

Roberto (Canhotinho), Ricardo (Ricardinho), Wilder (Dedé Paraízo), Izael (Catraca) e Sérgio (Pimpolho). Esta é composição da segunda e da terceira geração do grupo que é considerado a “cara de São Paulo”, os Demônios da Garoa, o qual conta a história e as características da cidade por meio de suas músicas com humor e estilo único.

Com pai e filho no mesmo conjunto, ao longo de seus 70 anos de história, os “Demônios” trazem uma mistura de gerações. Criado na década de 1940, o grupo já vendeu milhões de cópias de seus CDs e foi reconhecido pelo Guinness Book, em 1994, como o grupo mais antigo e ainda em atividade no mundo. Em seu vasto repertório está “Trem das Onze”, até hoje muito tocada.



Foto: Natália Ramaciotti

Da esquerda pra direita: Izael, Sérgio, Ricardo, Roberto e Wilder

Sendo paulistanos, como vocês definiriam a cidade de São Paulo?

Sérgio Rosa: Coração do Brasil. A força motriz brasileira é São Paulo. Antigamente, a música começava era do Rio de Janeiro para o mundo. Hoje não. Hoje, se não passar por São Paulo, também não vai “pintar”. Todos os artistas de todos os estados brasileiros e todas as partes do mundo querem trabalhar aqui, porque nessa cidade tem gente que acorda

uma hora mais cedo para aproveitar o dia inteiro! Não tem uma definição para São Paulo, é a cidade que tem o máximo que pode se exigir de uma grande metrópole.

Ricardinho: É claro que, como paulistano, eu torço por melhorias, não podemos tapar o sol com a peneira. Mas no campo cultural, São Paulo é uma cidade privilegiada, na qual você encontra bons teatros, cinemas, casas de show, e tudo com uma rotatividade

de muito legal. O bairro da Vila Madalena, por exemplo, se tornou reduto do samba, barzinhos e baladas. Em relação a isso, São Paulo é maravilhosa. Com certeza é uma cidade que tem mais prós do que contras.

O nome “Demônios da Garoa” foi uma referência direta à cidade?

Ricardinho Rosa: Sem dúvida, já que São Paulo é conhecida por “Terra da Garoa”. Mas nós não te-

mos conhecimento de quem foi o abençoado fã que criou o nome. Sim, na verdade foi um fã. Começamos como Grupo do Luar, mas o termo “grupo” era meio marginalizado naquela época, porque tinha ligação com o Jogo do Bicho. Então, abriu-se um concurso para que ouvintes da Rádio Nacional mandassem sugestões de nome. O locutor anunciava “esses endiabrados do Grupo do Luar”, porque era toda uma molecada, meu avô (Arnaldo Rosa) tinha 13 ou 14 anos. Um fã pegou a referência dos endiabrados e juntou com “garoa”, pois todos eram de São Paulo.

Na opinião de vocês, qual foi o momento em que o Demônios da Garoa se tornou a cara de São Paulo?

Sérgio Rosa: Acho que foi em 1951, quando o Adoniran Barbosa [cantor e compositor paulistano] trouxe o primeiro samba para o grupo, “Malvina”, e o Demônios foi campeão do Carnaval. No ano seguinte ele trouxe “Joga a Chave”, e também fomos campeões. A partir daí, começamos a nos tornar a cara de São Paulo. Depois ainda vieram músicas como “Saudosa Maloca” e “Samba do Arnesto”, que ficaram um ano nas paradas de sucesso.

Como começou a história entre Adoniran Barbosa e Demônios da Garoa?

Sérgio Rosa: Ele havia gravado “Saudosa Maloca” em 1949, mas não aconteceu, não deu certo. Ai meu pai, Arnaldo Rosa, começou a cantar a música da forma que ela é hoje, com “quais quais” e “dim dim”. O Demônios participava do programa do Manoel da Nóbrega,



Apresentação do grupo na casa de show Terra da Garoa

Foto: Natália Ramaciotti

na Rádio Nacional, e a música virou uma febre nacional.

Vocês conseguem dimensionar a importância da música “Trem das Onze”?

Ricardinho: Eu acredito que é o maior sucesso do grupo. É a música que representa Demônios da Garoa para o povo. Você fala “o trem das onze” e as pessoas lembram-se de nós. Quando a gente entra no palco, muita gente logo de cara começa a pedir o Trem das Onze. Então, essa música é um sucesso que tem mais de 50 anos e a gente observa crianças cantando nos nossos shows. Pra nós, é uma satisfação muito grande, como aquele sentimento de dever cumprido.

Vocês são a segunda geração – o Ricardo é a terceira. É muita responsabilidade manter o trabalho de uma banda como “Demônios da Garoa”?

Sérgio Rosa: Não só foi uma responsabilidade, como ainda é. A gente pretende que a terceira geração complete a façanha de ser o único grupo do mundo com 100

anos de existência, cantando todos esses sucessos.

Ricardinho: Apesar de toda a responsabilidade que eu sabia que teria, tornou-se algo natural, principalmente pra mim. O pessoal até brinca que, no berçário, em vez de chorar, eu já mandei um ‘quais quais’. Eu sempre acompanhei o grupo, os bastidores... Até quando eu tinha seis, sete anos, eu ia no palco pois meu avô me anunciava lá para fazer um número de chorinho. Aí, eu entrava lá com o pandeirinho desligado na maior cara de pau. Então, essa convivência com eles, para mim, foi muito natural. Porém, no momento em que me foi passada essa responsabilidade de “olha, vem cá, é você a partir de agora”, eu diria que foi algo emocionante, por tudo que eu vivi e vi desde o meu avô. Mesmo que, profissionalmente falando, eu não pude realizar o sonho de trabalhar com ele... Com a ajuda dos meus companheiros, que têm muita experiência e muita bagagem, me sinto muito seguro e à vontade de aprender e dar continuidade ao trabalho dos Demônios da Garoa.

A portrait of Dan Stulbach, a man with a grey beard and hair, wearing a white zip-up jacket over a grey and white patterned sweater. He is standing in front of a wall with large red letters 'C' and 'B' and smaller black letters 'A' and 'C'.

DAN STULBACH

**“São Paulo tenta ser humana,
mas esta é sua maior contradição”**

Foto: Larissa Gregio

Filho de imigrantes judeus poloneses, Dan Filip Stulbach é um dos mais ecléticos atores de sua geração. Bom aluno, principalmente em matemática, cursou um ano de engenharia, mas se formou em comunicação social. Tem uma ligação muito forte com São Paulo, em especial com os bairros de Higienópolis e Pacaembu. O teatro, que começou na adolescência, acabou mudando sua vida. Costuma dizer que antes de conhecer o teatro não tinha muita identidade e foi nos palcos que encontrou sua verdadeira expressão. Com vocês, o ator, apresentador, diretor e torcedor fanático do Corinthians, Dan Stulbach:

Origens: Você estudou 10 anos no Colégio Rio Branco. Fale um pouco deste tempo... quais são suas lembranças?

Dan: Estudei a vida toda no Rio Branco. Entrei no 3º primário e fui até o colegial. Trago muitas lembranças. Vivi muito mais o colégio do que a faculdade. São épocas diferentes. Mas lembro dos meus amigos do colégio até hoje e com muitos tenho contato. Eu era um bom aluno. Lembro muito bem dos meus professores, até dos meus professores de primário, D. Carminha, por exemplo. Lembro das quadras porque eu adorava esporte, joguei muita bola lá. Tinha o professor Mário, que era de educação física. E depois minha lembrança é o teatro.

Origens: No que o teatro do Colégio foi importante para você?

Dan: O teatro mudou minha vida. O colégio Rio Branco pra mim foi o grande caleidoscópio dos sonhos. Eu tenho esta

imagem sempre de que quando era moleque o mundo era mais ingênuo e mais puro do que é hoje. Então o teatro mudou minha vida porque foi minha maneira de me expressar. Fiz teatro meio sem querer, tinha uma plaquinha no pátio indicando que teria um teste. Acabei indo e fui selecionado. Minha primeira peça foi "Sonho, Amor e Fantasia" que durou umas 3 horas e meia e tinha na plateia quase 200 pessoas. Tudo era muito mágico e encantador. A partir dali acabei prestando engenharia, fui fazer cenários e também dar aula de teatro no próprio colégio Rio Branco.

Origens: Você é bastante eclético: é ator, diretor, apresentador de rádio, TV, comentarista esportivo. Como é transitar por estes lugares, tem algum especial que goste mais?

Dan: Olha, pela manhã estive apresentando o programa "Encontros" lá no Rio de Janeiro [neste dia Dan substituiu Fátima Bernardes]. Peguei a ponte aérea e daqui a pouco apresento o meu programa "Fim de Expediente" aqui na rádio CBN e depois vou para o teatro Faap, na peça "Meus Deus" que faço com a espetacular Irene Ravache. Hoje é um dia longo. Mas o que eu gosto mais, me preparei e sei fazer é o teatro. A questão da apresentação veio depois meio sem querer, mas cada coisa tem o seu prazer.

Origens: Como é sua relação com a cidade de São Paulo?

Dan: Tenho uma relação muito forte com São Paulo. Mesmo com a TV onde as gravações são muito intensas no Rio, eu escolhi morar em São Paulo. Quando nasci meus pais moravam em Higienópolis. Depois fui morar em Perdizes, onde meus pais moram até hoje. Eu ia para o colégio Rio Branco a pé. Era uma época em que um garoto de 12

"O colégio Rio Branco foi pra mim o grande caleidoscópio dos sonhos"



JOGO RÁPIDO

Um livro:
A Insustentável Leveza do Ser

Um professor:
tem vários que lembro com carinho, mas vou ficar com o Baroni, de geografia, do Colégio Rio Branco.

Uma peça:
Sonho, Amor e Fantasia

Um teatro:
Teatro Rio Branco

Melhor personagem:
o ministro, da peça A Roupa Nova do Rei, que fiz no Rio Branco no início dos anos 90

Um lugar especial na cidade:
o estádio do Pacaembu

São Paulo pra você é:
minha casa e meu repouso dentro do possível.

anos podia andar pela cidade a pé. Depois quando fui morar sozinho, eu morei em vários bairros, mas gosto deste canto aqui, entre Pacaembu e Higienópolis.

Origens: Quais as maiores contradições da cidade?

Dan: Acho que São Paulo tenta ser humana, mas esta é sua maior contradição. As praças estão apertadas entre os prédios, abriu-se mão do verde e do espaço para acumular edifícios e isto faz com que seja uma cidade difícil de se humanizar. Apesar de achar que o paulistano é um povo muito fraterno, que gosta de se encontrar, seja no restaurante, no

teatro, no cinema, nos jantares em casa. É um povo que tenta ao máximo viver a cidade, nos parques, no Ibirapuera, nos Sescs.

Origens: Você é torcedor do Corinthians, este time tem a cara da cidade?

Dan: Corinthians é o Pacaembu, fui para o estádio porque era ao lado da minha casa e porque eu era maluco por futebol. Sempre adorei o Corinthians por causa da vibração e da raça do time. Eu me identifiquei logo com isso. Depois veio a "Democracia Corinthiana" com o Sócrates que foi um cara que me inspirou muito quando eu era moleque. Suas atitudes e palavras eram incríveis.



Do Japão para o Líbano em duas estações de metrô

Com bairros que são verdadeiros países, São Paulo é a cidade mais multicultural do Brasil

A Copa do Mundo acentuou ainda mais um aspecto que já é bastante tradicional em São Paulo. O Estado é conhecido por ser o mais cosmopolita da América do Sul, são cerca de três milhões de imigrantes, de 70 diferentes nacionalidades. Estes povos ajudaram a construir a história da cidade e seu multiculturalismo está espalhado pelos bairros da capital. Não é exagero falar que alguns destes bairros são verdadeiros países e chegam a abrigar colônias inteiras de imigrantes. Para conhecer um pouquinho mais desta característica tão marcante, a reportagem da revista Origens resolveu visitar a região central de São Paulo e encontrou algumas nacionalidades.

Iniciamos o trajeto por um prisma hexagonal revestido de mármore, localizado na Praça da Sé. É o Marco Zero, espaço que turistas de todos os lugares do mundo observam seus espelhos d'água, suas enormes palmeiras apontadas para o céu e a exuberante Catedral da Sé.

Mas a função do miniobelisco é marcar o início da numeração das vias públicas e rodovias estaduais. Historiador e paulistano de berço, Denis Nascimento de Melo



Marco Zero da cidade de São Paulo está localizado na Praça da Sé

conta que o monumento foi uma das muitas tentativas de fixar uma centralidade material na cidade. "Mas apenas em 1934, a São Paulo ganhou seu simbólico". O Marco Zero também aponta para as principais direções daquela época: Pa-

raná, Santos, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás.

O Japão em São Paulo

Contornando a Catedral da Sé, entramos na Praça Doutor João Mendes, que cruza a Avenida

Liberdade, e é neste local que as culturas se misturam. Os comércios começam a adquirir formas orientais, cores, símbolos, e as fachadas nos fazem pensar estarmos em outro país, mas não à toa temos essa percepção. Segundo o Centro de Estudo da Metrópole (CEM), o Censo de 2010 aponta que o bairro da Liberdade abriga três mil estrangeiros.

A bióloga Giulia Emi de Oliveira Preto, descendente de japoneses, conta um pouco de sua história: “Meus avós vieram para o Brasil em busca de uma vida melhor, devido à situação de pobreza em que o Japão se encontrava em consequência da 2ª Guerra Mundial”. Para ela, o bairro da Liberdade tem muito a ver com a identidade paulistana: “Acho importante essa mistura de cultura, é isso que faz São Paulo ser São Paulo”.

Comércio: Oriental ou Ocidental?

Na busca por mais cultura, saímos da Liberdade e pegamos o metrô em direção à estação São Bento, na rua Ladeira Porto Geral. O co-



A região da 25 de Março abriga comunidades de árabes e libaneses

mércio nesta região é dos mais variados. Diariamente a rua 25 de Março recebe milhares de pessoas

em busca de presentes, utensílios, objetos e acessórios. A região abriga parte do Oriente

População estrangeira no Brasil



Médio: árabes e libaneses. E para comemorar a importância histórica, São Paulo celebra o Dia Nacional da Comunidade Árabe, em 25 de março. Passamos assim a observar a região com outros olhos, buscando detalhes que revelam características dos países árabes, e encontramos um pouco do Marrocos. Quem nos conta é a moradora do bairro do Bom Retiro, Patrícia Moreira Nogueira: “Visitei o Marrocos em maio de 2013, passei uma semana entre Marrakech e Zagora, e esses lugares têm algumas similaridades com São Paulo”, conta.

A imigração a favor da cultura e da Copa

São Paulo possui um multiculturalismo rico em muitas áreas: cultura, etnias, gastronomia, moda, entre outros. Promover e respeitar as diferenças nos faz desenvolver reflexões acerca da construção de quem somos, de onde viemos, afinal, a cidade carrega um pedacinho de muitos países. De acordo com dados do Censo 2010, os estrangeiros correspondem a 0,23% da população. E é esta miscigenação que faz a cidade ser cada vez mais uma babilônia efervescente de cultura.

Muito curioso perceber que alguns bairros de São Paulo assumiram as cores de uma seleção que disputou a Copa do Mundo no Brasil. E claro, que algumas escolhas estão ligadas à história de imigração que caracteriza estas regiões, representando os países de onde vieram seus moradores. A tradicional Mooca, por exemplo, representa a Itália e Santo Amaro, a Alemanha. São os bairros da cidade que mais acolheram imigrantes, vestindo a camisa das seleções do mundial, para esbanjar ainda mais cultura e diversão.

Infográfico: Vivian dos Santos





SÃO PAULO

Consumismo que nunca cessa

Templo das compras, São Paulo tem de tudo. Das ruas temáticas, passando pelo comércio popular até ao mercado de puro luxo!



Joelma Amorim em sua loja "Maurikatu", revendedora de sapatos e acessórios femininos

Foto: Camila, Letícia e Munique

Joelma Amorim enfrenta aproximadamente 12 horas de viagem, entre escalas, a cada dois meses, para vir a São Paulo. Permanece na cidade em média por três dias e procura se hospedar em hotéis próximos aos centros comerciais.

Durante sua permanência, acorda bem cedo e só volta para o hotel no início da noite. "Difícilmente paro e como alguma coisa, procuro fazer um lanche rápido na primeira lanchonete que encontro. Fico comprando por dez horas seguidas".

Todo esse esforço tem um motivo. Ela vem à capital paulista para abastecer suas duas lojas revendedoras de bolsas, sapatos e acessórios femininos e infanto-juvenis em Petrolina, no interior de Pernambuco. E apesar do tumulto das ruas e lojas, Joelma garante que vale a pena todo o esforço devido à grande variedade de produtos com preços competitivos.

Entre os mais populares centros de compras da cidade frequentados por Joelma está a rua 25 de

Março, que às vésperas do Natal, segundo estimativas da Polícia Militar, chega a receber diariamente até um milhão de pessoas. Seja no atacado ou no varejo, a região está repleta de produtos para todos os gostos e bolsos.

Ascensão e consumo na Classe C

De acordo com Renato Meireles, do Instituto Data Popular, é a periferia que sustenta o mercado consumidor da maior cidade do país. Em 2013, os bairros mais afastados do centro de São Paulo foram responsáveis por 70% do consumo da cidade. Outra questão interessante foi o crescimento real da renda da população. Na última década, os 25% mais ricos tiveram 12% de crescimento real na sua renda; já entre os 25% mais pobres esse número sobe para

quase 50%. Ou seja, a renda dos mais pobres cresceu muito mais do que a dos mais ricos.

Quem são esses mais pobres que ficaram "mais ricos"? Segundo o economista Douglas Pinheiro, o controle da inflação, o aumento real do salário e a oferta de crédito dos bancos com a taxa de juros reduzida são os principais fatores que contribuíram para a ascensão da chamada "Classe C".

Vanessa Tamaro é mais uma cidadã entre os mais de 100 milhões de brasileiros que compõe essa Nova Classe Média. Manicure e pedicure, cuida do filho pequeno e ainda dedica parte do tempo a um hobby: comprar.

"Tenho poucas dívidas, compro tudo aquilo que desejo dentro da minha realidade. Sou consumista assumida, tenho prazer em comprar."

"Difícilmente paro. Fico comprando por dez horas seguidas".

Vanessa não vai muito longe para consumir, seu local preferido para as compras é o calçadão de Osasco, próximo a sua residência no Conjunto Habitacional Jardim Piratininga. Com salário inferior a mil reais, não poupa as economias e se esbalda entre galerias, shoppings e vendedores ambulantes, mas assume que seu ponto fraco são as famosas lojinhas de 1,99. “Lá encontro tudo o que preciso por um preço justo: capinhas para celular, objetos de decoração, utensílios para cozinha. E principalmente as tupperweres: tenho uma coleção delas!”

Por causa da profissão, sente-se na obrigação de estar sempre impecável dos pés à cabeça, o que custa caro. Antenada nas tendências da moda, assume que não se controla quando o assunto é esmalte, seja ele fosco, metálico, magnético ou neon: perde o controle na hora de gastar.

“Vou maquiada a qualquer lugar, até à padaria! O básico para sair de casa é um olho esfumado e bem colorido, delineador, lápis e um batom mais opaco para não chamar atenção”, diz, em meio a gargalhadas.

Classe A: o mercado do luxo

Não há como citar o nome “São Paulo” e não associá-lo aos grandes centros de compras, sejam shoppings, galerias ou ruas



Vanessa Tamaro em dia de compras

Foto: Camila, Letícia e Munique

“Sou consumista assumida, tenho prazer em comprar”.

inteiras só de lojas, fábricas e ambulantes. Estes locais são fontes de abastecimento para o comércio de diversas regiões do Brasil e até mesmo da América Latina.

Outras regiões, como os bairros do Brás e do Bom Retiro, recebem destaque no comércio têxtil, e são os destinos preferidos de quem vem à capital em busca de variedade e preço baixo, sobretudo para o público feminino. Dentre as principais características destas locais estão a especialidade em um único estilo de peças: biquínis, jeans, roupas de festa e até uma rua dedicada somente às noivas.

Mas há o outro lado da moeda: o mercado de luxo, segmento que movimenta aproximadamente quatro bilhões de reais por ano na capital. Um ponto de referência para o consumo do público A é a rua Oscar Freire. Localizada na região dos Jardins, a rua chama a atenção por suas lojas de grifes, bares e restaurantes sofisticados e pela arquitetura arrojada. As calçadas largas e a exuberância da vegetação lhe conferem elegância e um certo ar europeu ao local.

Tatiana Lobo Sarac é uma consumidora classe A. Cliente assídua dos shoppings centers de luxo da capital, a psicóloga e estudante de Direito vai às compras pelo menos duas vezes ao mês. Dentre as lojas favoritas estão as renomadas Costume, Canal, Mob e Le Lis Blanc. Vaidosa, é adepta a tratamentos de beleza como drenagem linfática e está sempre com unhas e cabelos impecáveis, pois acredita que a aparência e o modo de se vestir estão relacionados ao poder.

Quando perguntada sobre suas preferências na hora da compra, Tatiana nos revela: “Levo em consideração a quali-



Cruzamento da luxuosa rua Oscar Freire com a Peixoto Gomide

Foto: Camila, Letícia e Munique

Foto: Camila, Letícia e Munique



O lado psicológico do consumo

Segundo o doutor em psicologia pela Universidade Mackenzie, Jacob Pinheiro Goldberg, a sociedade capitalista se ampara no sistema de compra-venda-troca, que estimula o consumo desnecessário e algumas vezes patológico.

Existem pessoas que desviam a acumulação de bens de consumo às suas necessidades emocionais, afetivas, suas carências sentimentais e seus vazios psicológicos. Goldberg afirma que há um sistema de compensação estimulado pelas “indústrias do inútil”: a decepção em alguma situação implica no consumo, que é considerado algo prazeroso.

Ainda há a questão da alienação, que nada mais é do que a inadequação do indivíduo a sua realidade. Muitas pessoas mudam seu patamar social e não conseguem abrir mão dos costumes de sua antiga situação financeira. Sem condições para manter seus hábitos caros, entram em inúmeras dívidas e tudo acaba se tornando uma bola de neve.

dade e o acabamento das peças, adoro bolsas e roupas! Elas são meus principais alvos quando vou às compras”. Sobre a peça mais cara do seu closet, revela: “É uma bolsa da Louis Vuitton, a minha queridinha!” A grife, uma das preferidas de Tatiana, possui peças que podem chegar a 40 mil reais.

Shopping Center: a praia dos paulistanos

Os shoppings centers são os maiores símbolos da sociedade de consumo e cumprem cada vez mais a tarefa de satisfazer seus clientes. Além de possuírem localização privilegiada e oferecerem lojas e lazer para diferentes públicos, proporcionam aos consumidores aquilo que se perdeu nos grandes centros: conforto, segurança e praticidade.

Segundo a Associação Brasileira de Shopping Centers (Abrasce), existem 496 shoppings espalhados por todo Brasil. Só na capital paulista há 55 deles e outros cinco em construção, a serem entregues até o final de 2014.

O Shopping JK Iguatemi, localizado no bairro do Itaim Bibi, região nobre de São Paulo, reúne cerca de 200 lojas de grife, como Das-

lu, Lacoste, Sephora, Prada e Yves Saint-Laurent. Em contraponto, o Shopping Metrô Itaquera, localizado na periferia da zona leste de São Paulo, possui dentre suas principais lojas as populares Casas Bahia, Lojas Marisa, C&A, Preçolândia, Besni e Pernambucanas. O público-alvo do estabelecimento é a nova classe média, que segundo os dados do próprio shopping é responsável por 91% da movimentação diária.

Consumo e status na galera “Ostentação”

Desde dezembro de 2013 diversos shoppings, dentre eles o JK Iguatemi e o Metrô Itaquera, vêm protagonizando uma questão polêmica: os “rolezinhos”. Definidos como encontros entre jovens da periferia da cidade que desejam fazer parte do mercado de luxo e dos templos de consumo, os eventos reúnem uma quantidade elevada de adolescentes, os quais utilizam a internet como ferramenta de convocação. As mensagens são postadas nas mídias sociais, atingindo milhares de pessoas em um curto período.

Com estilo próprio e poder de compra da classe C, essa turma atraiu



Tatiana Sarac com sua bolsa preferida

Foto: Camila, Letícia e Munique

Foto: Camilla, Letícia e Munique



Bom Retiro, Brás e 25 de Março Vai comprar nestes lugares? Fique atento!

- Leve apenas o essencial, documentos, dinheiro e cartão;
- Certifique-se da possibilidade de compra no varejo, afinal determinadas lojas vendem somente no atacado;
- Evite andar com celulares, carteiras e objetos de valor expostos;
- Algumas lojas não possuem provadores, fique atento aos tamanhos das peças;
- Informe-se sobre a política de troca dos produtos adquiridos;
- Compre aquilo que realmente lhe agrade, essas lojas costumam fazer trocas somente de tamanhos ou cores, nunca do modelo da peça.

a atenção das marcas que mais desejavam. O Instituto Data Popular foi procurado por diversas delas com dúvidas de como se posicionar diante desses acontecimentos. Duas solicitavam que seus nomes não fossem vinculados ao estilo musical “Funk Ostentação”, o preferido dos “rolezeiros”. Já a maioria manifestou o desejo de fazer parte do cotidiano dos jovens consumidores do país.

Danilo Soares não participou de nenhuma edição dos rolezinhos, mas é visivelmente um consumidor assíduo do estilo mais famoso do país, a ostentação. Em seu guarda-roupa possui roupas e acessórios de diferentes grifes, tais como: John John, Osklen, Dudalina, Hugo Boss, Invicta e a sua preferida, Empório Armani. Aos 23 anos, reside em um bairro simples de Osasco, na Grande São Paulo, e possui uma renda mensal de 1200 reais trabalhando como motorista.

O jovem não abre mão de andar bem vestido e jura que não escolhe o que compra somente pela marca. Mas admite: “Já cheguei a pagar 2100 reais em um relógio da Invicta banhado a ouro, e não me arrependo”. Para ele, consumir produtos de grife está associado ao poder e ao status: “Além de estar na moda, se estiver portando um item de luxo você ganha destaque entre os amigos e, principalmente, entre as mulheres”.

Para conseguir arcar com gastos de roupas e acessórios de grife, consumidores como Danilo aderem às facilidades dos cartões de crédito e não têm problema algum em assumir que parcelam as compra quando ne-



“Já cheguei a pagar 2100 reais em um relógio da Invicta banhado a ouro, e não me arrependo”

Danilo Soares posa com sua corrente e relógio de ouro

cessário. Contudo, o economista Douglas Pinheiro explica que 50% da classe C na cidade de São Paulo está endividada. “A população compra com base no valor da parcela, e não do valor à vista. Muitas vezes o bem não é uma prioridade, e sim um luxo, o que acaba levando a dívidas”, alerta o especialista.

Foto: Camilla, Letícia e Munique

Os encantos de Maria Zélia

Histórias que marcam gerações

O novo e o antigo se encontram na primeira vila operária do Brasil

Seguindo em direção ao final da Rua dos Prazeres, Zona Leste de São Paulo, é possível encontrar um pequeno vilarejo convidando para entrar por meio de seus portões abertos. Um mundo oposto à loucura da metrópole, o bairro carrega lembranças de um empresário que mudou a vida de famílias inteiras.

Idealizada por Jorge Street, a Vila Maria Zélia, primeira Vila Operária do Brasil, homenageia sua filha mais velha, morta por tuberculose. “Por ser um projeto novo, o doutor Street foi chamado de louco e acusado de anarquista, comunista e socialista. Mas meu avô dizia que o único ‘ista’ que esqueceram foi o humanista”, afirma Edécio Pereira Pinto, o seu Dedé, de 63 anos, neto de um dos primeiros moradores do local.

Sonho europeu

As casas foram construídas às margens do muro da fábrica – Companhia Nacional de Tecidos de Juta – para que cada funcionário acomodasse sua família. “O doutor Street fez questão que mulheres e filhos tivessem um bom lugar, que possuíssem cômodos como banheiro e lavanderia para que a privacidade fosse preservada”, diz seu Dedé. Na época, essa preocupação não era comum.

Quem passeia no vilarejo reencontra o passado. “Quando aconteceu a tombada [pelo Patrimônio Histórico, em 1992] havia muitas alterações por aqui. Algumas casas são originais ou lembram o visual anterior”, conta Rosaura do Nascimento, de 79 anos, que nasceu na vila.

O projeto é de responsabilidade do arquiteto francês Paul Pedarrieux e materiais da Lituânia, França, Itália e Inglaterra foram utilizados nas construções. A Capela é um dos poucos imóveis ainda conservados. “Por ter matéria-prima e projeto europeus, a Comunidade Europeia nos doou dinheiro para a restauração, mas a obra não aconteceu”, lamenta-se Edécio.

A maioria das pessoas que residem na região não é descendente dos operários que ocuparam o local. As casas foram vendidas, este é um dos motivos da não conservação das fachadas.

A chama da felicidade

Neste cenário espetacular, o Grupo XIX de Teatro criou, em 2004, sua “residência artística”, e completa dez anos trazendo alegria ao vilarejo. “Esses meninos trouxeram a felicidade que tínhamos nos tempos antigos”, anima-se dona Rosaura. Além do grupo, o lugar também é objeto de estudo e recebe universitários que buscam inspiração para trabalhos.

“Aqui nós vivemos nossos melhores dias. Brincamos de pular corda, de passa-anel e, quando maiores, provocamos os meninos do outro lado da rua”, recorda.

“Nasci nesse lugar e morrerei nele, nunca irei me arrepender de ter ficado aqui. Lembro-me de minha infância e vejo meus netos crescendo nesse mundo à parte criado pelo doutor Jorge Street”, finaliza Rosaura do Nascimento.

Patrimônio histórico e Rock and Roll

O bairro da Zona Leste também é lembrado por ser cenário de diversas formas de arte.

Guitarra, bateria, baixo!!! O rock pauleira, metal pesado da Banda Impéria, usou um prédio em ruínas, onde um dia funcionou a Escola de Meninos da Vila Maria Zélia, como cenário de um videoclipe da música Alta Voltagem. Essa é uma situação comum no vilarejo, que já foi utilizado para locação de novelas, editoriais de moda, seriados, peças de teatro e filmes.

Mazzaropi, que morou por nove anos na Maria Zélia, gravou lá o filme O Corinthiano (1966). Algumas cenas da película se passam na casa que foi residência do comediante. Mais recentemente outras produções utilizaram o local como cenário, entre eles a nova versão da novela Carrossel, do SBT, e o clipe Subirusdoistiozin, do cantor Criolo.

O valor arrecadado a partir dessas locações poderia ser utilizado para restauração das casas, se elas fossem de propriedade dos moradores. Tombada em 1992 pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de SP), a Vila recebe apenas uma doação simbólica como forma de agradecimento.



Igreja da Vila Maria Zélia

Foto: Bruna Oliveira e Bruna Silva

AS DUAS SÃO PAULO: DO AGITO À TRANQUILIDADE

Nos feriados, mais de dois milhões de pessoas deixam a megalópole brasileira



Paulista: a avenida mais movimentada de São Paulo durante o feriado e nos dias comuns

Foto: Thalyta Sellan

Podemos dizer que existem “duas São Paulo”: aquela dos dias úteis, com trânsito caótico, locais cheios e o estresse pairando por toda a capital. E a semelhante a São Paulo de quarenta anos atrás, na qual era possível caminhar tranquilamente por parques, centros comerciais e ruas vazias. Ela é novamente vivida em alguns momentos do ano: os feriados nacionais.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatís-

tica (IBGE), a capital paulista tem mais de 11 milhões de habitantes. Em dias úteis, o número chega quase ao dobro, com 19 milhões de pessoas circulando a trabalho, compras ou passeio.

Com essa multidão, é raro sair de casa sem pegar trânsito em qualquer via de São Paulo. O diretor de operações da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), Maurício Régio, conta que existe um veículo para cada duas pessoas. “O trânsito existe em toda a

cidade, devido à grande quantidade de carros. Temos cerca de sete milhões de veículos trafegando diariamente”, relata.

O congestionamento não é o único problema da cidade. Os centros comerciais, restaurantes, serviços públicos e shoppings centers também estão, diariamente, cheios. De acordo com dados da Associação Brasileira de Shopping Centers (Abresce), os 55 shoppings centers em São Paulo são frequentados por mais de 70% dos paulis-

Foto: Thalyta Sellan



Bourbon Shopping, na Pompéia: mesas vazias no feriado

tanos. A informação faz jus ao ditado popular que afirma: “Shopping é a praia do paulistano”.

Porém, cada feriado tem sua particularidade. Em 2014, a Sexta-feira Santa caiu próxima ao feriado de Tiradentes. Os paulistanos tiveram quatro dias para descansar e viajar. Resultado: foram registrados 250 quilômetros de lentidão nas zonas Sul e Oeste, na quinta-feira. No Bourbon Shopping, localizado na Pompéia, estacionamento e praça de alimentação mostraram como a metrópole estava vazia. Estes espaços, geralmente concorridos, deram lugar a mesas vazias e à possibilidade do motorista escolher a vaga em apenas um minuto.

Uma funcionária de um restaurante chinês, que preferiu não se identificar, comentou sobre o vazio do shopping no domingo de Páscoa: “Nem se compara ao Carnaval, quando a praça de alimentação ficou lotada, nem parecia feriado. Hoje está deserto, pouco movimento... Mais tranquilo para trabalhar”. O mesmo

vazio foi percebido na Paulista, principal avenida de São Paulo, por onde passam cerca de 1,5 milhão de pessoas todos os dias. Naquele feriadão, ela parecia ter tirado um descanso.

Já em 1º de maio, Dia do Trabalho, as rodovias registraram movimento tranquilo, enquanto as ruas e avenidas da capital estavam agitadas. Essa mudança de comportamento se deve ao dia em que o feriado caiu, uma quinta-feira: “Muita gente trabalha na

Paulistano que é paulistano sabe aproveitar a cidade

A Revista Origens entrevistou 50 pessoas que frequentaram os Shoppings Centers da capital nos feriados:

60% preferem ficar em São Paulo, pois conseguem aproveitar a cidade

30% estavam sem dinheiro e não puderam viajar

10% disseram que ficar em São Paulo ou viajar é indiferente – aproveitam a cidade

*entrevistas realizadas com homens e mulheres com idades entre 20 a 50 anos

sexta-feira, pois não são todas as empresas que emendam a folga”, explica Ana Paula Barduchi, gerente de uma agência Santander.



Bourbon Shopping, na Pompéia: agitação dos finais de semana

Foto: Thalyta Sellan



Túnel que liga a estação de trem com a outras regiões da Lapa

Um bairro, três fronteiras e histórias que se encontram

Moradores retratam as características dos principais pontos do Alto da Lapa, Lapa e Lapa de Baixo

Marly de Carra, ou simplesmente Dona Marly. É pianista erudita, sanfoneira e uma cozinheira de mão cheia. Filha de imigrantes europeus, seu box no Mercado da Lapa não passa despercebido. Quem vai ao local não deixa de saborear seus quitutes. São doces e salgados, além da geladina água de coco que refresca os compradores e outros trabalhadores. A comerciante, que nasceu na Lapa de Baixo, tem orgulho do seu trabalho e do seu bairro. “A Lapa é a minha casa”, diz com brilho nos olhos.

Foi no bairro em que nasceu que criou os filhos e perdeu os pais. Aliás, Liberato de Carra, seu pai, foi um dos fundadores da Associação de Comerciantes da Lapa (Acomel) e abriu, em 1956, o box onde hoje Marly trabalha. Nessa época, o Mercado da Lapa era novo: havia sido inaugurado em agosto de 1954.

Dona Odila Guizado, aposentada, viveu seus 80 anos no bairro vizinho à Lapa, o Piqueri. Porém, por ser um bairro pequeno, todas as atividades que exerceu, sejam escolares ou profissionais, se deram na Lapa. E foi des-



Foto: Leticia Emori

se ir e vir que nasceu uma paixão: “Tudo que a gente precisava tinha lá. Íamos a pé, tinha só um correio que pulávamos para chegar na Lapa de Baixo”, conta com olhos distantes, como se estivesse revivendo aqueles momentos.

Características próprias

A Lapa, bairro da Zona Oeste de São Paulo, é dividida em três partes. Andando pelo local, podem-se encontrar polos de comércio, como a famosa rua Doze de Outubro e seus preços camaradas. Residências de alto padrão e áreas verdes; e mais humildes, compostas por pequenas casas e galpões antigos, localizadas do outro lado da linha do trem. Res-

pectivamente, estas três partes são conhecidas como Lapa (ou Lapa de cima), Alto da Lapa e Lapa de Baixo.

Apesar de ser uma única comunidade, por ter um grupo de pessoas que reside numa mesma região, essas áreas contêm características próprias, distintas umas das outras. “O Alto da Lapa era só para gente mais rica. A Lapa de cima [região central], nos arredores da rua Doze de Outubro, só tinha lojas. E na Lapa de Baixo, que era pra cá da linha do trem, eram só casinhas e fábricas como a

Martins Ferreira”, conta Dona Odila.

Ainda hoje essas peculiaridades são aparentes para muitos, porém Dona Marly tem lá suas dúvidas... “Moro no Alto da Lapa e lá você vê uma classe média que se diz alta, mas eu não sei se é alta, porque o pessoal que mora em apartamento parece meio luxuoso, mas na realidade é um zé ninguém como a gente, porque só passa cartão”.

A Lapa de Baixo ganhou destaque com a criação da estrada de ferro Santos-Jundiaí, em 1867. Houve



Foto: Leticia Emori

Dona Odila relembra os velhos tempos quando estudava e trabalhava na Lapa



Foto: Leticia Emori

A movimentada Rua Doze

uma ocupação mais desordenada de proletários e de fábricas, que viam na proximidade com a linha do trem uma vantagem mercadológica de transporte. Dessa forma, esta área da Lapa adquiriu uma característica industrial, a qual toma conta até hoje da região.

O que une as três partes da Lapa são os túneis que vão da Rua Doze à antiga estrada de ferro, e da antiga parte industrial ao centro do bairro e à estação de trem. Eles são muito famosos pelo caráter sombrio, pelo fácil alagamento em dias de chuva e pela grande quantidade de pessoas com pressa e aparente medo da escuridão local.

O jornalista Eduardo Fiora, o qual trabalhou no *Jornal da Gente* e mora na região, afirma que essas três Lapas têm três momentos diferentes de ocupação e de desenvol-

vimento. Sobre a Lapa de Baixo, ele relata que “só tem casinha, praticamente, só tem um prédio grande que é o Central Park Lapa, mas você entrando ali não vai encontrar prédio, só casa, até hoje”.

Já o seu centro era composto por pouquíssimos prédios e muitos comércios.

“A Lapa em si até pouco tempo também não tinha [edifícios], surgiram agora de 2000 pra cá. Era uma região bem mais horizontalizada. É uma verticalização mais acentuada no bairro da Lapa, que começa agora. Aí é ocupado por casa e muito comércio”.

Para finalizar, Fiora traduz a última Lapa como “a City Lapa ou o Alto da Lapa, que é a parte das residên-

“O Alto da Lapa era só para gente mais rica”



Casas antigas que caracterizam a proletária Lapa de Baixo

Foto: Leticia Emori

cias, aí é só residência. São só lotes ocupados. Esses lotes podem ser desmembrados, se você quiser vender um, vende. Se quiser comprar um, vai lá e compra, mas eles obedecem à mesma coisa”.

Antes e depois

As transformações que ocorreram no bairro foram muitas. Dona Marly recorda a antiga Lapa e conta que a família está na região desde 1946 e de lá não saiu mais. “A Lapa, antigamente, quando eu ainda era mocinha, era muito gostosa. Éramos mais nós, italianos, portugueses, espanhóis, ingleses. Então era uma elite na Lapa antigamente. Você via todo mundo andando de terno, chapéu na rua. Isso fica na memória”.

Apesar do caráter conservador da região e de suas características, a Lapa sofreu algumas mudanças significativas. A comerciante relata que “começou primeiro com o viaduto da Lapa. Eu tinha seis anos de idade na época. Então foi uma obra assim, extraordinária. Depois começaram a recapear todas as ruas, melhorando a estação do trem, que era porteira quando eu era criança. Aí colocaram esses viadutos”.

Para Fiora, “a Lapa ainda tem uma cultura. Tem um grupo de pessoas que gosta de se encontrar, de se reunir, começar a bater papo de uma forma mais antiga. Aos poucos isso vai caindo. A Lapa preserva algumas tradições”.

Lapa e sua trajetória centenária

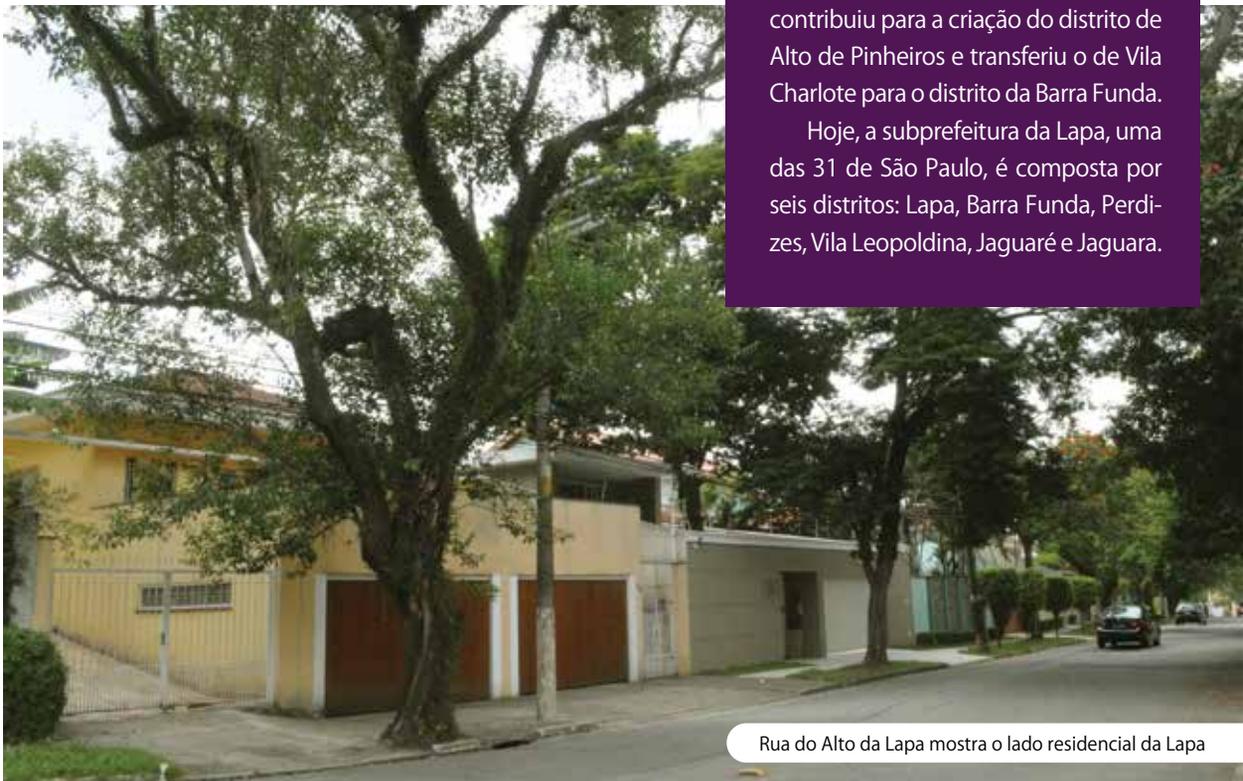
A primeira notícia sobre a Lapa data de 1561. Na época, era conhecida como Emboaçava, e assim ficou durante três séculos, até os jesuítas receberem uma sesmaria próxima ao rio que levava o mesmo nome.

Ao longo de muitos anos só se viam sítios e fazendas na região, além de um povoado disperso. Somente em 1867 foi inaugurada a estrada de ferro Santos-Jundiaí, impulsionando a criação das primeiras indústrias e atraindo imigrantes, principalmente italianos e franceses.

O distrito da Lapa, como hoje é conhecido, nasceu em 1910, devido à separação do distrito de Santa Cecília. Porém, perdeu duas partes de seu território: a Vila Madalena (1948), atual subdistrito de Pinheiros, e a Vila Leopoldina, que se tornou um distrito. Isso contribuiu para a criação do distrito de Alto de Pinheiros e transferiu o de Vila Charlotte para o distrito da Barra Funda.

Hoje, a subprefeitura da Lapa, uma das 31 de São Paulo, é composta por seis distritos: Lapa, Barra Funda, Perdizes, Vila Leopoldina, Jaguaré e Jaguarã.

Foto: Leticia Emori



Rua do Alto da Lapa mostra o lado residencial da Lapa

RETRATOS DA AUGUSTA

Com mais de 50 anos, o reduto da boemia é hoje a casa de diversas tribos de São Paulo

Saindo do metrô Consolação, no lado par da Avenida Paulista, já é visível a movimentação de músicos, artistas e vendedores ambulantes, entre outros personagens. A moda também se destaca como forma de expressão de seus frequentadores. Com gostos e ideologias distintas, todos caminham em direção ao lar dos “baladeiros”.

A Rua Augusta se tornou, no decorrer dos anos, um ponto turístico de São Paulo. Por se encontrar no coração da cidade e ter fácil acessibilidade, fez com que, no início da década de 1950, o endereço virasse o ponto de encontro de um público que tem como principal característica a boemia.

Atualmente, a Augusta possui diversos bares e casas noturnas, sendo conhecida por abrigar variadas tribos. A fim de traçar um perfil da rua, a equipe da Revista Origens foi descobrir um pouco desse mundo tão eclético.

A mistura que dá certo

Entre tantos personagens, a designer Thaís Silva, 22 anos, descreve a Augusta como “um dos poucos lugares de São Paulo que ainda concentra estilos tão diferentes”. Para ela, a rua consegue “atrair pessoas que aparentemente não têm nada em comum e, mesmo assim, convivem bem, sem conflitos”.

Thaís é frequentadora do Daleoni, casa noturna que, assim como o Anexo B, tem procurado trazer mais diversidade para a programação e assim atrair mais público.

Em uma mesma semana acontecem diversos eventos com estilos musicais diferentes, como rap, rock e pop.

A designer acredita que essa mistura tem dado muito certo: “As casas atraem e mantêm um público cada vez mais diversificado e oferecem um leque extenso para os mais ecléticos”.

“Um dos poucos lugares de São Paulo que ainda concentra estilos tão diferentes”



Tribos distintas conseguem viver em harmonia

Foto: Beatriz Silva

Diversão paga X Diversão gratuita

A Augusta possui espaço para todos! Aqueles que estão à procura de diversão gratuita e os que não se importam em gastar muito em uma única noite.

Os artistas de rua encontram lá um palco onde sempre haverá público diversificado. Monica Rodrigues acredita que as bandas que tocam na rua são tão boas quanto aquelas que tocam nos bares. “A qualidade do som é impressionante e tem atraído muita gente”.

No início deste ano, a Prefeitura regularizou a popular festa “Buraco da Minhoca”, que acon-



A empresária Monica diz que é seu lugar favorito



A designer Thaís é frequentadora da Rua

Fotos: Beatriz Silva

tece no túnel que vai da Augusta à Praça Roosevelt. Centenas de pessoas passam pelo local que tem entrada franca, sendo uma opção econômica para quem procura diversão na cidade.

“São Paulo é rica em cultura, e o ambiente que a Augusta proporciona é a cara da cidade. Ele permite contato com múltiplas expressões de arte, comportamento e suas variadas tribos”, finaliza Thaís Silva.



A festa “Toca da Minhoca” é uma opção gratuita de diversão na noite paulistana

Foto: Beatriz Silva

Por trás das páginas: os contrastes na cidade de São Paulo

Em meio à agitação paulistana, a revista Origens foi conhecer de perto os contrastes da maior cidade da América Latina

Foto: Natália Ramacciotti



Paloma Lourenço entrevistando Demônios da Garoa

O Dicionário Aurélio define contraste como: “Oposição entre coisas ou pessoas. Uma das quais faz sobressair à outra. O contraste entre a sombra e a luz. Diferença bem distinta entre as ações.”

A primeira edição da revista Origens tem como tema os contrastes na cidade de São Paulo. Para os alunos da 5ª Etapa de Jornalismo, participar desse novo projeto significou um enorme desafio. “Encontramos dificuldades ao longo da elaboração, porém é uma experiência relevante para todos, inclusive para compor o portfólio”, disse Thalyta Sellan.

Foram abordados assuntos como a solidão em São Paulo, o show do Demônios da Garoa, lugares considerados patrimônios históricos, o feriado na cidade e claro, uma grade paixão dos paulistanos, os automóveis. Já a reportagem especial abordou o templo de consumo que é a cidade de São Paulo.

Supervisionados pela professora de Reportagem, Patrícia Rangel, os estudantes desenvolveram as pautas em sala de aula. Em conjunto com a mestra Renata Carraro, os alunos foram orientados quanto à edição dos textos, dando às reportagens sua forma final. Já a diagramação da revista foi coordenada pelo professor de Planejamento Visual, Paulo Durão.

As alunas Camila Navarro, Letícia Leite e Munique Marques ficaram responsáveis pela matéria especial sobre consumo em São Paulo. Letícia declarou: “O consumo está no auge, despertou nosso interesse porque está presente em nosso dia a dia”.

As tarefas foram divididas entre o grupo: “Eu cobri a parte de Economia, a Camila se encarregou de abordar os locais frequentados pela classe C e a Munique ficou responsável pelo assunto ostentação”, completa a estudante.

“Nós consumimos porque temos medo da morte”. Essa foi uma das frases mais marcantes do psicólogo e professor Jacob Goldberg, conhecido por suas participações em programas televisivos e que concedeu uma entrevista ao grupo. Diante de um momento de descontração, posou para os bastidores da revista Origens e brincou: “Não adianta, eu não vou sair bonito”.



As alunas Camila e Munique em entrevista

Foto: Letícia Leite

São Paulo:

Um Caso de Amor e Ódio

Escrito por: Isabela Korcsog Maciel | Ilustração por: Denis Mandarino

É bastante comum escutar muitas e muitas pessoas falando mal de São Paulo, e realmente, não é para menos. Os dias aqui são baseados em trânsito sem fim, poluição, assaltos e em pessoas mal educadas e sempre com pressa; eu mesma estou sempre correndo.

Porém, estaria mentindo se dissesse que nunca ouvi ninguém dizer que ama essa cidade. Confesso que até hoje conheci poucos cidadãos que estufam o peito e declaram seu amor incondicional pela cidade. Eu, particularmente, vivo entre os grupos das pessoas que odeiam e das que amam São Paulo.

Me dei conta dessa minha completa neutralidade quando andava de ônibus pela Lapa. Era mais um dia turbulento e caótico na cidade, lá estava eu em plena quarta-feira, rumo a mais um dia longínquo no trabalho, dentro de um Praça Ramos, espremida, desgastada, pensando em meios de deixar a metrópole, de me

mudar para um lugar mais silencioso e tranquilo. Em resumo, ir para um lugar que fosse o oposto de São Paulo. Então o ônibus parou em um farol. Enquanto olhava fixamente para a calçada esburacada me dei conta de uma singela flor amarela que nascia no meio do cimento.

Diante de todo aquele cenário sufocante, me vi encantada com a pequena flor, a prova de que mesmo em meio ao tumulto cotidiano ainda havia beleza escondida em São Paulo, beleza única e delicada, que só pode ser vista por quem sabe enxergá-la. Ali me apaixonei por São Paulo pela primeira vez.

Daquele momento em diante essa paixão vai e vem com uma rapidez recorde, mas acredito que no fim das contas morar aqui em São Paulo é ter esses sentimentos contraditórios. Há dias em que quero fugir, derrubar muros e construções, e há outros em que fico ansiosa esperando ver mais flores nas calçadas.



Alunos que participaram desta edição:



Letícia Leite

Enxerga o mundo com olhar de gente grande, apesar dos 1,55m de altura e dos 5 graus de miopia.



Yuri Furtado

Poucas palavras e personalidade forte que conquista muita gente. Quer conhecer outras culturas.



Vinícius Salvador

Vinícius, não o Moraes. Salvador, não da Bahia. Mas alegre como o estado e envolvente como poeta.



Beatriz Santos

Carrega no peito um grande amor pela profissão que escolheu, e que a enlouquece!



Natália Ramacciotti

Escolheu comunicação, mas a timidez é marcante. Sonha em visitar o Monte Fuji e ama cultura pop.



Aline Felix

Tudo ou nada, oito ou oitenta. Nunca desiste, e pra ser alguém ela cai e se levanta!



Paloma Lourenço

Pseudo famosa no mundo dos mangás. Ah, levantem as mãos ao céu para o Goku usar a Genkidama!



Bruna Silva

Palavras de baixo calão, frio, noite, asiáticos, gramática, ficção científica, K-pop. Salsifufu.



Letícia Tiemi Emori

Organizada. Neurótica. Tímida. Enrolada. Asiática que só tira 10 (ou será que não?).



Isabela Duarte de Faria

Uma falsa tímida com cara de malvada. Séria e divertida. Nada delicada e um DOCE de pessoa.



Lúgia Lotério

Vive no mundo da lua e sonha em conhecer o mundo todo. Para essa bailarina todo dia é dia de rock, bebê.



Camila Navarro

ARTEira/Atriz, ama fondue no inverno ou verão. #Não sabe dizer não #consumista #chorona.



Bruna Oliveira

Adora livros e começa pela última página. Quer conhecer o mundo, mas não deixa a casa da mamãe.



Munique Marques

Seramente palhaça. Às vezes bipolar, ou talvez sempre?! Louca, corintiana, apaixonada, feliz!



Thalyta Sellan

É ansiosa, mas faz seu trabalho com tranquilidade. Também atende por Garota Enxaqueca.



Isabela Korcsog Maciel

Pequena na altura, mas grande nas ideias, nas vontades e acima de tudo, nas realizações.

RIO BRANCO: SEU FUTURO COMEÇA AQUI



FACULDADES DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, DESIGN E AUDIOVISUAL

GRADUAÇÃO

Comunicação Social:
Rádio e TV
Editoração
Jornalismo
Relações Públicas
Publicidade e Propaganda

GRADUAÇÃO

Design

PÓS-GRADUAÇÃO

Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte
MBA em Branding Innovation
MBA em Comunicação Corporativa

TÉCNOLOGO

Produção Audiovisual

EXTENSÃO EAD

Jornalismo Esportivo

UNIDADE LAPA - Av. José Maria de Faria, 111, São Paulo - SP
UNIDADE HIGIENÓPOLIS, Av. Higienópolis, 996, São Paulo - SP
UNIDADE GRANJA VIANNA Rod. Raposo Tavares, 7.200 (km 24) Cotia - SP
RIO DE JANEIRO, Espaço Ideal, Rua Santa Luzia, 760 - Centro, Rio de Janeiro - RJ

 **Faculdades Integradas**
Rio Branco
FUNDAÇÃO DE ROTARIANOS DE SÃO PAULO

www.riobrancofac.edu.br

Veja no site Itinerários de ônibus gratuito rio branco

CENTRAL DE ATENDIMENTO **0800165521**

Jornal tem que ser

diário de S. Paulo



REDE BOM DIA

Campinas



Bauru



Jundiaí



Sorocaba



São José do Rio Preto



ABCD



Leitura rápida e descomplicada, formato ideal para portabilidade

Esportes
Cultura
Política
Automóveis

Economia
Turismo
Colunistas
Beleza